

PRESIDENTAS LATINO-AMERICANAS CRISTINA KIRCHNER, DILMA ROUSSEFF, LAURA CHINCHILLA E MICHELLE BACHELET SÃO NOTÍCIA EM 173 CAPAS DE JORNAIS

Adriana Silvestrini Santos¹²³ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O artigo apresenta a análise quantitativa das capas impressas dos jornais diários Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brasil), La Nación (Costa Rica) e El Mercurio (Chile) que trazem notícias sobre as Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet. O resultado apresentado compõe parte da pesquisa *Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais* que tem como objetivo investigar e analisar as narrativas dos fatos – textos e imagens – que envolveram as quatro governantes. O recorte temporal da investigação abrange os meses de março, abril e maio do ano de 2014 – quando as quatro Presidentas latino-americanas governaram, simultaneamente, suas respectivas nações – e as capas publicadas no dia da posse de cada Presidenta. O corpus definitivo da pesquisa é de 173 capas dos quatro jornais no período elegido. Torna-se relevante estudar as Presidentas na mídia impressa porque a partir da primeira década do século XXI elas passaram a ter maior presença no cenário político na América Latina e, conseqüentemente, no mundo. Michelle Bachelet foi eleita Presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura Chinchilla tornou-se Presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014. Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, a América Latina sempre teve mulheres governando ao menos um país na região.

Palavras-chave: Presidentas. Gênero. Mídia. Política. América Latina.

Abstract:

The article presents the quantitative analysis of the printed covers of the daily newspapers Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brazil), La Nación (Costa Rica) and El Mercurio (Chile) that bring news about the latin american female Presidents Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla and Michelle Bachelet. The result presented is part of the research *Latin American President Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla and Michelle Bachelet: gender and politics on the covers of newspapers* that investigate and analyze the narratives of the facts – texts and images – that involved the four rulers. The research investigates the months of march, april and may of the year 2014 – when the four latin american female Presidents simultaneously governed their respective nations – and the the covers published on the day of the tenure of them as women Presidents. The final corpus of the research is 173 covers of the four newspapers in the chosen period. It becomes relevant to study female presidents in the print media because from the first decade of the 21st century they started to have a greater presence in the political scene in Latin America and, consequently, in the world. Michelle Bachelet was elected president of Chile in 2006 and then re-elected in 2014. Cristina Kirchner won the elections in Argentina in 2007 and again in 2011. Laura Chinchilla became President of Costa Rica in 2010, her only tenure. And Dilma Rousseff won at the brazilian elections in 2010 and 2014. In a total of 12 years, from 2006 to 2018, Latin America has always had women governing at least one country in the region.

Keywords: Women presidents. Genre. Media. Policy. Latin America.

¹²³Bolsista Capes no Mestrado de Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/IEL/Unicamp). Pós-graduada em Comunicação Corporativa pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), licenciada em Filosofia pela Universidade Cruzeiro do Sul e bacharel em Comunicação Social (habilitações em Jornalismo e Rádio e TV) pela Universidade São Judas Tadeu. E-mail: dri.silvestrini@gmail.com

A partir da primeira década do século XXI, quatro mulheres passaram a ter presença relevante no cenário político na América Latina: Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet. Em um total de 12 anos, de 2006 a 2018, a região sempre teve Presidentas¹²⁴ governando países. Porém, antes deste acontecimento significativo – que colocou as mulheres latino-americanas em destaque no mapa mundial da política – outras mulheres, em um passado não muito distante, precisaram provar o óbvio: que eram humanas, agentes históricas e dignas de obtenção de direitos civis e políticos.

No mundo, a participação das mulheres em espaços de tomada de decisões políticas é bem recente. Em 1893, a Nova Zelândia¹²⁵ foi o primeiro país que permitiu a mulher ir às urnas enquanto que, na Grécia Antiga, os homens já desfrutavam o direito de eleger seus governantes porque eles eram considerados cidadãos na pólis. Elas não tinham essa consideração.

Nas últimas décadas do século XIX, as europeias e as estadunidenses encabeçaram a luta pela igualdade na participação política por meio do movimento sufragista. Diante de uma supremacia masculina, elas enfrentaram dificuldades para que o voto feminino se tornasse realidade. Na América Latina a situação era ainda mais complicada, tanto que somente em 1967 o Paraguai permitiu o voto feminino, sendo o último país da América Latina a reconhecer a paridade política. Ou seja, uma conquista que tem apenas 54 anos. O primeiro país da região a incluir as mulheres no eleitorado foi o Equador (1929). Na sequência: Brasil (1932), Argentina (1947), Chile (1949) e Costa Rica (1949). O caso mais tardio em todo o mundo até esse momento são os Emirados Árabes, onde apenas em 2006 as mulheres conquistaram esse direito¹²⁶.

Só votar não bastava mais. As mulheres queriam também ser votadas, inclusive para ocupar aquele lugar de poder que nunca foi pensado para elas: chefe de Estado ou de governo. Somente na era contemporânea que as mulheres – ainda que o número representativo seja muito menor em relação aos homens – também passam a ter o direito de disputar cargos políticos. Em 1940, a russa Khertek Amyrbitovna Anchimaa-Toka, educadora e militante pelo Partido Revolucionário do Povo, foi a primeira mulher eleita Presidenta de um país no mundo. Ela

¹²⁴ Na pesquisa e, conseqüentemente, neste artigo, utiliza-se o termo Presidenta. O Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis informa que: Presidenta é o feminino de presidente; mulher que é chefe de governo de um país de regime presidencialista; mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição; mulher que preside algo. As nomenclaturas Presidenta, Presidentas ou Presidente sempre serão grafadas em letra maiúscula como sugere a relevância do cargo.

¹²⁵ Cf. Wanderley Guilherme dos Santos (2002, p. 297-303).

¹²⁶ Cf. Wanderley Guilherme dos Santos (2002, p. 297-303). De todos os países latino-americanos, optei por colocar somente o primeiro e último no qual as mulheres conquistaram o direito ao voto. E os países escolhidos para essa pesquisa.

governou Tuva – atualmente é uma república da Federação Russa – de 1940 a 1944¹²⁷. Isso significa que há apenas 81 anos uma mulher tornou-se governante de uma nação a nível global.

Trinta e quatro anos depois de uma lacuna considerável, novamente uma mulher chega à presidência. Desta vez a América Latina, mais precisamente na Argentina, ganha pela primeira vez destaque no cenário mundial político. María Estela Martínez de Perón, mais conhecida como Isabelita Perón, se torna a primeira governante de um país latino-americano. Ela era vice na chapa de seu marido, Juan Domingo Perón, eleito presidente. Com a morte dele, Isabelita assumiu o governo argentino de 1974 a 1976.

Nesta época e nos anos posteriores, os países latino-americanos – com destaque para os da América do Sul – estiveram sob o comando de regimes autoritários. Mesmo vivendo sob ditaduras e um sistema de patriarcado¹²⁸ estruturado, muitas mulheres se engajaram nos movimentos feministas que surgiram na região Sul Global. Por meio do ativismo, elas passaram a conquistar direitos civis, sociais e políticos e participaram, concomitantemente, no longo processo de democratização ocorrido em países da região nas décadas seguintes.

Isabelita Perón foi a primeira de 11 Presidentas na América Latina. De todos os países do bloco, 10 foram governados por mulheres eleitas e também interinas. A Argentina está no topo da lista com duas Presidentas. Os outros nove países latino-americanos com mulheres chefes de Estado foram: Bolívia, Haiti, Nicarágua, Equador, Guiana, Panamá, Chile, Costa Rica e Brasil¹²⁹.

Após essa resumida introdução, que situa as condições das mulheres no espaço público e de debate, o artigo retoma sua atenção nas quatro Presidentas latino-americanas para apresentar parte dos resultados obtidos da pesquisa *Presidentas latino-americanas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Laura Chinchilla e Michelle Bachelet: gênero e política nas capas de jornais*.

Latino-americanas no mapa mundial político

Michelle Bachelet foi eleita Presidenta do Chile em 2006 e depois reeleita em 2014. Cristina Kirchner ganhou as eleições na Argentina em 2007 e novamente em 2011. Laura

¹²⁷ Cf. Amy C. Alexander, Catherine Bolzendahl e Farida Jalalzai (p. 1-25, 2018).

¹²⁸ “Patriarcado, em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (LERNER, p. 290, 2019)

¹²⁹ Países estão citados na ordem, depois da Argentina, em que as mulheres se tornam Presidentas.

Chinchilla tornou-se Presidenta da Costa Rica em 2010, seu único mandato. E Dilma Rousseff venceu nas urnas brasileiras em 2010 e 2014.

Especificamente nos meses de março, abril e maio do ano de 2014 as quatro Presidentas latino-americanas, simultaneamente, governaram suas respectivas nações. Nesta data, Dilma Rousseff estava no último ano do seu primeiro mandato como Presidenta no Brasil e já se preparava para concorrer à reeleição, que foi concretizada no resultado das urnas em outubro de 2014. Michelle Bachelet retornava ao Palácio de La Moneda onde começava o seu segundo mandato como Presidenta do Chile. No penúltimo ano de seu segundo governo, Cristina Kirchner comandava a Argentina e Laura Chinchilla se despedia como Presidenta da Costa Rica.

Dados do estudo *Women in Politics*, realizado pelo IPU (Inter-Parliamentary Union, 2014) juntamente com a ONU Women, mostram que, em 1º de janeiro de 2014, dos 152 chefes de Estado no mundo, nove eram mulheres, sendo quatro delas latino-americanas. As outras cinco pertenciam aos países da Libéria (África Ocidental), Lituânia (Europa), Malawi (África Ocidental), República da Coreia (Ásia) e San Marino (Europa). Isso significa que a América Latina, nesta data, foi a região no mundo onde havia mais mulheres ocupando o posto mais alto da hierarquia de governo.

O diagnóstico e balanço da participação política das mulheres na região neste período é mais positivo do que em qualquer outra época passada, sendo superior à média mundial em vários indicadores. É o que aponta o *Guía Estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe (2014-2017)*, realizado com apoio da ONU Mujeres.

De que maneira as capas dos jornais noticiaram essas quatro Presidentas, que governaram simultaneamente suas nações durante alguns meses de 2014, foi o principal questionamento que levou ao desenvolvimento desta pesquisa. Descrever quem são elas e como jornalistas contaram sobre elas nas capas dos periódicos são os objetivos principais. O trabalho, com recorte temporal definido, apresenta e analisa os registros midiáticos sobre as chefes de Estado que protagonizaram um momento histórico. Elas não devem e não podem ser negligenciadas como aconteceu com todas as mulheres desde a antiguidade até o século XIX. “A falta de conhecimento das mulheres sobre a própria história de luta e conquistas é um dos principais meios de nos manter subordinadas” (LERNER, p. 277, 2019).

Fontes impressas

O jornal é considerado o veículo de comunicação mais antigo do mundo, mas só a partir da década de 1970 que ele se tornou objeto da pesquisa histórica (DE LUCA, pág. 118, 2008). Na obra *Fontes Históricas* (2008), Tânia Regina de Luca apresenta histórico da concepção historiográfica acerca dos periódicos como fonte, presentemente valorizados pela História imediata e o retorno da História política. “As renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder” (DE LUCA, p. 128, 2008).

A historiadora observa também a profissionalização dos jornais e revistas e o poder que eles conquistaram no conjunto das mídias. Sobre o conteúdo, ela comenta:

Os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que o cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tão pouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir. (DE LUCA, p. 19, 2008)

As capas dos jornais diários Clarín (Argentina), Folha de São Paulo (Brasil), El Mercurio (Chile) e La Nación (Costa Rica) são as fontes impressas da pesquisa. O resultado da análise quantitativa, que abrange os números de cada período escolhido e total de capas nas quais as Presidentas são noticiadas, será apresentado detalhadamente na sequência deste tópico. A análise qualitativa tem por finalidade revelar quais são os discursos utilizados referentes às quatro mulheres, na condição de chefes de Estado. Essa segunda etapa da pesquisa segue em andamento.

Ao estudar a cobertura da imprensa sobre as Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff, Michelle Bachelet e Laura Chinchilla pretende-se identificar: se elas ficaram invisíveis ou marcadas por estereótipos noticiados pela imprensa; se mesmo ocupando o cargo político mais alto em um país elas ainda foram consideradas “seres do segundo sexo¹³⁰”; se as equipes jornalísticas designaram o espaço nobre do periódico para elas e muitas outras questões que a pesquisa almeja responder por meio de análise das notícias.

Para iniciar a análise da produção discursiva é preciso esmiuçar o enunciado porque a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída (FOUCAULT, 1996). O sociólogo francês Pierre Bourdieu também chama atenção para o que é relatado.

¹³⁰ “Segundo sexo” é o termo cunhado pela filósofa francesa Simone de Beauvoir. O vocábulo ganhou popularidade por revelar a fundo a condição submissa da mulher em todos os espaços ocupados por ela e também por ser o título de sua obra mais conhecida *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949 na França.

Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, do espetacular. (BOURDIEU, p.25, 1997)

Barbie Zelizer¹³¹, estudiosa e defensora da importância do jornalismo na sociedade, também aponta que na prática os jornalistas se encontram atualmente sob assédio de todos os lados.

Vivem num ambiente em que os imperativos econômicos e as pressões orçamentárias obrigam os noticiários a funcionar como empresa com fins lucrativos e por isso os jornalistas se diversificam, assumindo um caráter multitarefas que as gerações anteriores não reconheceriam. Politicamente, estão sob ataque da esquerda e da direita, que defendem diferentes definições da assim chamada prática jornalística, ao lado de um ambiente político que deprecia a capacidade do jornalista e atuar ao modo antigo. Eles também são, como os brasileiros bem sabem, pegos em vários tipos de envolvimento com o governo, com os interesses locais geralmente corruptos e com os militares. Como resultado, os jornalistas seguem, nem sempre refletidamente, vários modelos de prática, nenhum dos quais é totalmente adequado às complexidades do ambiente político de hoje. Tecnicamente, os jornalistas enfrentam novos desafios da blogosfera e de outras esferas, o que enfraquece a própria realização do trabalho jornalístico. (ZELIZER, Pag. 16, 2014)

Os jornalistas que elegem as chamadas das notícias – as imagens e os textos – nas capas dos jornais, aqueles que as redigem e os que as diagramam são profissionais importantes em todo processo que resulta na capa do jornal. Seria interessante analisar nesta pesquisa, por exemplo, quantas jornalistas mulheres escreveram as manchetes das capas das Presidentas. Assim como apurar as opiniões das leitoras que leram as manchetes na primeira página. Porém, apesar de instigantes, esses aspectos terão que ser estudados em uma outra oportunidade, porque a pesquisa não tem como foco a descrição da equipe jornalística e nem os receptores das mensagens jornalísticas. A observação é unicamente das notícias textual e visual contidas na capa.

Análise quantitativa: Presidentas em 173 capas de jornais

A escolha dos periódicos em cada um dos quatro países se deu por meio do critério de maior tiragem nacional. Os jornais diários escolhidos são: Clarín (Argentina) com 345 mil exemplares diários, Folha de São Paulo (Brasil) com 328 mil, El Mercurio (Chile) com 175 mil e La Nación (Costa Rica) com 91 mil.

¹³¹ Jornalista, professora da Universidade da Pennsylvania (EUA) e diretora do Center for Media at Risk, da Annenberg School for Communication, da mesma universidade.

Com vasto material para estudo, houve um recorte para investigação: 1) as capas dos jornais nos meses de março, abril e maio do ano de 2014, quando as quatro mulheres atuaram ao mesmo tempo como governantes em suas respectivas nações; 2) as capas publicadas no dia da posse de cada Presidenta.

De acordo com a configuração estabelecida, houve uma busca nos sites oficiais dos periódicos Clarín, Folha de São Paulo, El Mercurio e La Nación para realizar o levantamento das capas. Ao todo foram pesquisadas 375 capas que correspondem ao número de publicações nos dias que compõem as datas escolhidas. Desse total de capas, foram selecionadas somente as que citam em texto e/ou mostram em fotos e/ou ilustrações a Presidenta de cada país. Os critérios elegidos para as citações são: nome completo, primeiro nome ou sobrenome de cada Presidenta.

Também foram selecionadas as capas que grafam as palavras “Presidenta/Presidente”. Dos quatro periódicos estudados, somente o jornal brasileiro Folha de S. Paulo utiliza o termo Presidente, mesmo quando Dilma Rousseff, no primeiro dia de seus dois mandatos, esclareceu que desejaria ser chamada por Presidenta. Com base nesses critérios chegou-se ao número de 173 capas, conforme tabela a seguir.

Tabela 1: Capas - Clarín, Folha de S. Paulo, La Nación e El Mercurio				
Presidentas	Cristina Kirchner	Dilma Rousseff	Laura Chinchilla	Michelle Bachelet
Março de 2014	13 capas	20 capas	1 capa	22 capas
Abril de 2014	11 capas	21 capas	1 capa	18 capas
Maio de 2014	18 capas	23 capas	1 capa	17 capas
Cobertura jornalística da cerimônia de posse	2 capas	2 capas	1 capa	2 capas
Total de capas	44 capas - Clarín	66 capas - Folha de S. Paulo	4 capas - La Nación	59 capas - El Mercurio



Figura 1 – Capa do dia 2 de janeiro de 2011, dia da posse do primeiro mandato de Dilma Rousseff



Figura 2 – Capa do dia 11 de dezembro de 2007, dia da posse do primeiro mandato de Cristina Kirchner

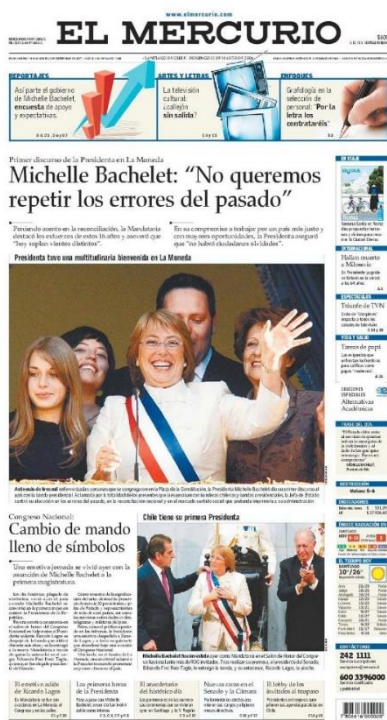


Figura 3 – Capa do dia 12 de março de 2006, dia da posse do primeiro mandato de Michelle Bachelet



Figura 4 – Capa do dia 9 de maio de 2010, dia da posse do primeiro e único mandato de Laura Chinchilla

Considerações finais

A tríade gênero-política-mídia não é um tema original. E ainda bem que não é, porque trata-se de um assunto que necessita sempre de visibilidade, pesquisa e debate. Neste campo de conhecimentos há uma pulsão de trabalhos que já foram realizados e outros, como esse, que estão em desenvolvimento.

A busca por estudos feitos com as Presidentas resultou em algumas dissertações de mestrado e doutorado – no Brasil e em outros países na América Latina – que investigaram e discutiram sobre as Presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet (LOPES, 2018). Alguns estudos contemplaram Cristina e Dilma (FREITAS, 2018). Outros, Dilma e Michelle (MOREIRA, 2016). A cientista política Farida Jalalzai incluiu Laura Chinchilla ao trio em um estudo sobre as quatro Presidentas latino-americanas, que resultou no livro *Women Presidents of Latin America: Beyond Family Ties?* (2015). Farida Jalalzai e o pesquisador brasileiro Pedro A. G. dos Santos lançaram a obra *Women's Empowerment and Disempowerment in Brazil: The Rise and Fall of President Dilma Rousseff* (2021), na qual constataram que o machismo teve papel principal no processo de impeachment de Dilma Rousseff em 2016.

Analisar as narrativas e os discursos referentes às quatro Presidentas latino-americanas nas capas dos principais jornais de seus países, em um período no qual poucas mulheres desempenharam a função de chefe de Estado no mundo, indica ser um caminho significativo para essa pesquisa e continuidade do debate.

O resultado da análise quantitativa das capas dos jornais chama atenção em alguns aspectos. Nas 375 edições publicadas no período elegido para investigação, as Presidentas aparecem em 173 delas. Isso significa menos da metade do total de capas. A brasileira Dilma Rousseff é quem mais estampa as manchetes, em 66 capas, seguida de Michelle Bachelet com 59, Cristina Kirchner com 44 e Laura Chinchilla com apenas 4 capas. A imprensa costarriquenha noticiou de maneira ínfima sobre sua Presidenta na comparação com as demais. O que os jornalistas mostraram nessas 173 capas está em processo de investigação na segunda etapa da pesquisa.

Referências

ALEXANDER Amy.C., BOLZENDAHL Catherine., JALALZAI Farida. Introduction to Measuring Women's Political Empowerment Across the Globe: Strategies, Challenges, and Future Research. In: Alexander A., Bolzendahl C., Jalalzai F. (eds) *Measuring Women's*

Political Empowerment across the Globe. Gender and Politics. Palgrave Macmillan, Cham. 2018, p.p 1-25.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 [1949].

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. Tradução: Maria Lúcia Machado.

DE LUCA, Tânia Regina. História Dos, Nos E Por Meio Dos Periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

FREITAS, Thamara Luciana Borges. *Apresentação do discurso das ex-presidentas Dilma e Cristina: uma análise descritiva em corpus jornalístico paralelo bidirecional português e espanhol*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia em 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 3ª edição.

JALALZAI, Farida. *Women Presidents in Latin America: Beyond Family Ties?* New York: Routledge, 2015. 1ª edição.

_____; SANTOS A. G. Pedro. *Women's Empowerment and Disempowerment in Brazil: The Rise and Fall of President Dilma Rousseff*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 2021.

IPU. *Women in Politics*. Inter-Parliamentary Union, 2014, 2021.

LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado – História da Opressão das Mulheres pelo Homens*. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LOPES, Paula Cunha. *Mídia, poder e gênero: a crítica feminista latino-americana a partir das representações das presidentas Cristina Kirchner, Dilma Rousseff e Michelle Bachelet*. Dissertação de mestrado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais. 2018.

MOREIRA, Adriana Monserrat Cedillo Morales. *Os editoriais de El Mercurio e O Estado de S. Paulo sobre Bachelet e Rousseff na eleição a Presidente do Chile em 2013 e do Brasil em 2014: um comparativo a partir da análise crítica do discurso*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná em 2016.

ONU MUJERES. *Guía estratégica Empoderamiento Político de las Mujeres: Marco para una acción estratégica América Latina y El Caribe (2014-2017)*.

ZELIZER, Barbie. *O que fazer com o jornalismo?* Brazilian Journalism Research, v. 11, n.2, 2014. p. 12-27.